

# A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 30 DE ABRIL DE 1856.

N. 20.

## PARTE LITTERARIA.

### RECORDAÇÕES DE VIAGEM.

(EXTRACTOS D'UM LIVRO INEDITO.)

#### III.

Os edificios publicos são de alguma consideração; a casaria é boa, e algumas d'ellas excellentes, com muita regularidade e bom gosto de architectura. As ruas, que são em grande parte, formadas de minas de ferro argiloso de côr brunha, e extrahidas das visinhanças de Santo Amaro, são bem lançadas e espaçosas; mas tão horrivel e detestavelmente calçadas, que ousou opinar ser isso uma vergonha imperdoavel para a municipalidade que as deixou chegar e as conserva em tão miserando estado. De noite torna-se até perigoso o transitar por ellas, porque estão cheias de barrancos, nos quaes com muita facilidade se pôde torcer um pé, ou cahir perigosamente.

Os principaes edificios publicos são a cathedral, os conventos de S. Francisco, do Carmo, de S. Bento, de Santa Thereza, e o da Luz, o palacio do governo, e a igreja dos Jesuitas, e outros mais, cuja enumeração seria longa. Passemos a dar uma succinta idéa dos principaes.

A cathedral, ou sé episcopal existe no coração da cidade, e o seu todo ressurte-se do acanhamento e simplicidade de uma matriz de villa.

O frontispicio é de uma exagerada simplicidade, e a casaria que se lhe ampara ao lado direito, olhando-a de frente, faz-a assimillar a uma grande ermida collocada juncto de um solar. O seu todo no exterior é de um effeito mesquinho: porque nada ha ali que dê uma idéa fiel e grandiosa das proporções de uma cathedral. Informaram-nos de que os diferentes concertos e augmentos, que ella tem experimentado, teriam feito um templo digno da nobre capital de uma provincia tão importante. Ao presente está ella em grandes obras, e por isso se mudou o côro diario para a igreja do collegio, ficando-se a fazer aqui, pelos sinos, os diferentes signaes, que são im-

pertinentes, detestaveis e lugubres, porque são, como os rebates que se dão em Portugal, e outras partes da Europa para annunciar os incendios.

O orago é da invocação de N. S. da Assumpção e os altares lateraes são consagrados ás imagens de diferentes santos.

O interior do templo é vasto e amplo: o tecto bastante alto e elegante, como não se podia suppor, vendo o edificio de fóra. A architectura é da ordem jonica, e a obra de entalha é do gosto, que predominou na Europa em fins do seculo 17.º e principios do 18.º, isto é, uma mistura da ordem dorica propriamente dita, com a que posteriormente se chamou composita. A casa, que dissemos existir ao lado, tem tres vastas salas chamadas do cabido, e consagradas ao serviço das aulas de canto, e theologia, bem como para revis-tencia dos bispos em dia de pontifical. A sacristia tem o tecto bastante baixo, e nada offerece de notavel, assim como o resto do edificio. Este templo foi generosamente doado com muitas alaias preciosas pelo Sr. D. João V. Está ao presente este bispado sé vacante como se diz em linguagem logica, e governado por um vigario capitular.

Do convento de S. Francisco faremos menção no capitulo ou lugar especial que temos de dedicar á Academia juridica.

O convento do Carmo occupa a mais pittoresca posição da cidade; a paizagem, que ali se descortina e se alcança até ao longe é de um effeito magestoso. Tem uma frente de 11 janellas rasgadas de varandas n'um andar, que se ergue sobre um pavimento inferior, que serve de quartel de soldados do corpo de permanentes. Ao lado tem duas igrejas contiguas que pegam com o convento.. Uma lhe pertence e a outra á ordem terceira do Carmo. A primeira é no interior, de uma architectura pesada e decorada com mau gosto, a segunda é mais simples, porém mais elegante. Ambas no seu exterior são de muita simplicidade, dando-lhe com tudo muito realce o alto corucheo, ou torre dos sinos que extrema uma da outra igreja.

Em seguimento, e no lado posterior a esta ultima, está um vasto edificio, que servia antigamente de hospital da ordem, e hoje está desha-



bitado. As vidraças estão quebradas pela notável chuva de pedra que houve em 1846, que cahiu, a menor do tamanho de ovos de ganço, e algumas com o peso de uma e mais libras.

O convento divide-se em velho e novo. O antigo edificio é bastante acanhado, a madeira toscamente lavrada, mas annuncia grandeza d'esses tempos em que as edificações eram tão difficeis no Brazil por falta de operarios:—parece de todo abandonado. A edificação moderna é um vasto dormitorio, no fim do qual ha uma janella que dá sobre o Tamanduatehy, e alcança uma vasta e immensa paizagem, cujo fundo é terminado por uma cordilheira de montanhas azuladas, e verdes.

É arrebatador esse quadro que se desdobra diante dos olhos. Pelos morros da esquerda avistam-se as casas, como a debruçarem-se para a immensa veiga, que é pelo outro lado, matizada de bem agricultadas chacaras; e o rio a espriar-se em multiplicados braços por entre multiplicadas courellas de verdura rasteira, assemelha-se a um mappa geographico.

Esta paizagem é uma das mais primorosas que vi em toda a minha viagem.

A igreja do Collegio dos Jesuitas está n'uma pequena praça quadrada, por cuja direita corre o edificio do antigo convento, que hoje parece uma especie de vale de Josaphat, porque, além de servir de secretaria e residencia do presidente ou governador civil da Provincia, tem as estações do correio, e thesouraria, a camara da assembléa provincial com a sua respectiva secretaria, o gabinete topographico, um theatro particular, uma aula de pintura, outra de theologia e uma normal de ensino primario, bem como a typographia do governo. Já se vê que um tal edificio é de largas proporções, e que é como um documento incontestavel da grandeza d'essa ordem portentosa, que o edificou.

O Jesuita da America não é o jesuita da Europa, Ravaiiac, o assassino de Henrique IV, e S. Francisco Xavier, José de Anchieta, Manoel da Nobrega, Antonio Vieira e Malagrida constituem duas anthiteses completas.

Aqui sabiam esses homens devotados cumprir os deveres da sua augusta missão, lá tinham-se entromettido nos paços, e, semelhantes á serpente da Escriptura, seduziam os reis a commetter peccados politicos, cujo mal se estendia pela nação, e se fazia sentir nas suas lamentaveis consequencias. Aqui era o missionario trabalhador e industrioso, que suava juncto da tarefa ardua da edifi-

cação dos templos: era o homem que muitas vezes amassava o cimento das suas cazas conventuaes, o operario que com a enxada e o machado construia as canoas para atravessar os rios, lá eram os degenerados entregues á moleza e ao ocio, e lançados no regaço dos vicios torpes e deshonestos: aqui era o homem ousado e emprehendedor, que atravessava sertões, passava rios a váo e a nado, ou em toscas jangadas, era o homem que não temia a sanha das onças e de outros animaes ferozes, e ia buscar gentios para o gremio catholico, ou offerecer-se resignadamente em holocausto pelos principios e pelas doutrinas evangelicas; e isto sem ostentação, porque a representação d'esse drama de tão violentas e magestas peripecias, era n'um arredado canto do mundo, virgem ainda dos pés do homem civilizado; e os espectadores, eram uns desgraçados, uma especie de idiotas bravios, que nem ao menos saberiam contar isso um dia; porque, enfim, para elles esse tremendo sacrificio era considerado um goso de gastronomia, que, duas horas depois, já se lhes havia varrido da memoria.

O Brazil conserva ainda os monumentos da civilização theocratica d'essa ordem portentosa. Os melhores dos seus templos, muitos dos seus vastos edificios, as mais bem agricultadas chacaras, os mais bem estabelecidos sitios, ou tapadas, os mais bem montados engenhos, muitas cidades e immensas povoações; e sobre tudo a educação e moral religiosa, ainda hoje guardada na gente do povo, tudo isso é dividido aos membros d'essa ordem, em quem se tinha materializado uma civilização exclusiva; porque os mais energeticos e elevados talentos cobria-os a roupeta de Santo Ignacio de Layola.

O Marquez de Pombal foi exagerado na sua tenaz e immutavel politica a respeito dos Jesuitas do Brasil. Se o Colbert, se o Sully portuguez tivesse dados positivos sobre a missão d'esses homens proficuos, aqui pela extensão da America, essa grande summidade politica havia fazer uma excepção n'esse aresto de ostracismo, que se tornou, com a edificação da nova Lisboa, a primeira das suas glorias diplomaticas.

E na realidade o edicto, que mandou varrer esses homens da face da terra, e que rasgou as suas mortalhas de estomanha foi bem fatal para o Brasil. A elles terem existido aqui, por certo não existiriam ainda hoje, só na provincia de S. Paulo de cincoenta a sessenta mil indios, permanecendo n'um estado selvagem: a voz poderosa d'esses homens extraordinarios teria trazido



um grande numero d'elles para convivas do banquete social; e o catholicismo seria a religião mais amplamente professada.

A extinção dos jesuitas é pois ainda hoje lamentada no Brasil. Esses frades barbadinhos, com que os pretenderam substituir são uma caricatura ridicula d'esses vultos grandiosos e respeitaveis, que nós vemos na historia e nas chronicas singelas e ingenuas, cercados de uma aureola de gloria: são uns hypocritas enzoneiros, que vem para o interior das provincias vender rosarios e veronicas de metal, ameaçar bestialmente o povo com o fogo do inferno, ouvir pessoas de confissão por dinheiro, como por exemplo pela quantia de dez mil réis, e depois pregar do alto do pulpito que aquelles, que não concorrerem ao seu tribunal da penitencia, serão condemnados ás penas eternas; e por fim levam a desmoralisação ao seio das familias! Não exageramos: ha d'isto infelizmente bem crueis e detestaveis exemplos, que são do dominio publico, e que deverão reparar e confundir os respectivos parochos, especialmente os que tiverem a consciencia de atirarem a pedra contra a adúltera.

Que é do fructo das missões d'estes novos sacerdotes de Daniel? quantos centenaes ou milhares de indios tem elles civilizado? que é das suas chronicas? que é das povoações que tem fundado? quantos d'elles tem tido o denodado arrojo de ir offerecer-se para vianda do banquete dos canibae? qual d'elles se expoz ás setas ervadas dos indios?

Essa gente é uma especie de ciganos: que vêm debaixo da opa monastica negociar com as consciencias escrupulosas e timoratas. Muito cuidado pois com esses hypocritas entromettidos com gente rude e inexperiente.

Mas... deixemos os barbadinhos a barbear as carteiras e algibeiras dos incautos, a perceberem e a comerem em santo ocio as pensões dos cofres publicos, tão tysicos para estradas e outros melhoramentos materiaes e moraes, e voltemos ao nosso proposito. *R. d'Almeida.*

## A SEMANA.

### CAUSA CELEBRE.

O processo Villa-Nova do Minho, como em geral se tem denominado, chegou n'esta semana a um desfeixo que, com quanto fosse esperado, surpreendeu e impressionou o publico pelas peripecias e incidentes de que foi acompanhado.

N'uma questão de tanta gravidade entendemos dever guardar absoluto silencio, com quanto nos impressionasse a sentença da sustentação da pronuncia, cuja redacção e fundamentos foi por de mais inconveniente: agora, porém, cumpre-nos registrar em nossas columnas esse facto celebre da nossa chronica juridica, que chamou ás galerias do tribunal do jury milhares de pessoas, e que trouxe e ainda traz todos os animos preoccupados.

O processo em questão não importa sómente um facto juridico; mas tambem um facto social: a acção da lei que não tinha força para chegar a certas classes e a certos homens, a acção da lei, que por tantas vezes era esmagada ou neutralizada pelo monstro do empenho, obteve agora uma conquista e um triumpho. Isto porém devia ter um meio termo.

Em quanto o espirito publico via n'este processo uma futura garantia da igualdade da lei para todos, applaudia a desejada reacção, e a conveniencia do castigo para o delinquente; mas logo que percebeu haver empenho de exhibir todo o luxo e rigor da lei, logo que vio os excessos, por demais estranhos, dos funcionarios que exorbitavam o seu mandato, o espirito publico, dizemos, começou a sympatisar com a causa dos vencidos.

Se na calma da reflexão se estudar o processo, em todas as suas peripecias e incidentes, deprehender-se-ha que elle foi tumultuario n'uma ou n'outra das suas phases, e que a lei offendida não se apresentou no lugar do seu desaggravo com a dignidade, com a imparcialidade que exige se dê a Deos o que é de Deos, e a Cezar o que é de Cezar; mas sim apresentou-se como nimiamente ultrajada, e os implicados no processo foram como *as victimas expiatorias das culpas até hoje commettidas pela negligencia, conivencia, ou impotencia dos magistrados precedentes.* Entre a imprevidencia do passado e o rigor do presente não ha o conveniente meio termo.

Os réos, se o tribunal superior não achar de justiça reformar ou modificar as penas impostas estão condemnados a uma agonia lenta, que se prolongará até ao termo de suas vidas. Agora estão elles já soffrendo essa anomalia da lei, que manda executar a sentença antes da decisão do tribunal superior, como se fôra justo e curial que o réo condemnado á morte, e que tivesse appealado, devesse ir soffrer a pena antes da decisão do tribunal superior!



## REEDIFICAÇÃO DO THEATRO.

As obras do theatro de S. Pedro tem progredido com incrível rapidez, graças aos esforços, e à reconhecida dedicação do seu empresario o Sr. commendador João Caetano dos Santos. A caminhar n'esta regularidade póde ajuizar-se e mesmo afiançar que por fins d'agosto estará concluída a obra.

Lamentamos que os cuidados especiaes que o Sr. João Caetano tem de consagrar á reedificação do theatro o obriguem a arredar-se da scena; mas cremos que elle repartirá os seus esforços com o theatro e com a sua companhia, ensaiando e vigiando as suas representações.

Tambem cremos que sempre que um dia notavel ou uma circumstancia imperiosa exigirem o seu apparecimento na scena elle se prestará de boa vontade; porque em fim elle é o artista por excellencia para o cabal desempenho de qualquer espectáculo.

## REVISTA THEATRAL.

### O GYMNASIO DRAMATICO.

#### II.

Se ha forma litteraria, em que se revele e se exerça todos os recursos, toda a omnipotencia do talento, é sem duvida no drama. A historia apresenta-nos os seus vultos com traços mais ou menos salientes, com feições mais ou menos pronunciadas, o romance apresenta-nos os seus personagens, desenhados com as côres vivas da imaginação, animados com o fogo da verdade possível; mas o drama transporta-nos á época contemporanea do facto, introduz-nos nos palacios ou nas masmorras, leva-nos a logares publicos ou a antros mysteriosos, poem-nos em contacto com os typos da actualidade, ou em relações com os personagens da historia. O drama é um fio electrico mysterioso, que nos aproxima das épocas remotas, e nos faz contemporaneo d'ellas, é essa trombeta do archanjo do ultimo juizo, que evoca ou do seio da multidão um typo, ou do fundo dos sepulchros um cadaver, e os apresenta á multidão, com as virtudes ou vícios da sua classe, ou com a vida intima, com o sentir e crer da sua época.

D'aqui se vê quantos bens, ou quantos males póde produzir e exercer o drama sobre a multidão que o vae escutar. A lição severa, que elle

exerce póde ser um elixir ou um veneno, póde ser o fogo vivificador, que anima, ou o incendio que devóra, póde ser a anarchia ou a ordem, póde ser o mal ou o bem.

Se os factos da historia exercem influencia como exemplos, se o romance é uma lição que edifica ou corrompe, que influencia imponente não exercerá o drama sob a sua forma caracteristica e poderosa?

É para este ponto que não só os politicos no gabinete, como os escriptores no jornalismo deveriam, com a consciencia de um sacerdocio, voltar as suas vistas e consagrar uma parte de suas meditações. Mas não tem succedido assim. Sejamos francos e leaes á nossa missão, fallemos a verdade, ainda mesmo que por isso provoquemos os odios e as diatribes, dos que só os odios e diatribes podem exercer e praticar.

A fóra o theatro de S. Pedro, que poremos fóra de combate, pelas circumstancias excepcionaes em que se achá, todas as directorias theatraes são puras especulações commerciaes; e ao espirito de ganancia sacrificam a verdade das decorações, a dignidade dos artistas, e o que é peor, compromettem a moral publica, offerecendo-lhe espectaculos, em que a virtude fica subjugada, como um prisioneiro illustre, e o vicio triumphante como um salteador feliz.

N'este caso acha-se o theatro do Gymnasio com os dramas dos ultimos expectaculos. Nas *Mulheres de Marmore*, o typo mulher é ali exposto com um cynismo revoltante: essa criação monstruosa de uma imaginação febricitante não existe em regra: poderá ser uma aberração, mas nunca um typo, porque o typo deve ser o concreto do abstracto. No intraduzivel *Demi-Monde*, a mulher é ainda victima ineruenta que na polé do palco vem receber as mais afrontosas injurias, e isto sob uma forma e um enredo que não está ainda nos nossos habitos, e Deus queira que nunca esteja. Permitta-nos um dos mais judiciosos folhetinistas o Sr. S. F. que aqui transcrevamos as suas palavras a respeito d'este drama, porque a sua é a nossa opinião:

« O *Mundo Equivoco* ainda não está bem conhecido entre nós, ainda o nosso publico não se acha bem familiarisado com essas scenas da nova escola, com toda essa prostituição que se *aristocratiza*, com todos esses aristocratas que se prostituem; ainda não comprehendeu essa bella e seductora baroneza d'Ange, que, em recompensa de seus embustes, recebe de envolta com as palavras sentenciosas de Oliveiro, a doação de



uma fortuna que ella nobremente recusa, e sofre o castigo de por alguns minutos occultar o rosto sob o lenço, e partir para a Italia, onde o céo é puro e a vida facil; ainda não comprehendeu essa elegante estouvada, essa encantadora louquinha, a Sra. de Santis, que, aborrecida do marido, deixa o lar domestico, doudeja em Pariz, e, não achando ahi em que despende o seu dote, parte *acompanhada* em viagem de instrucção para Inglaterra, Belgica e Allemanha; ainda não comprehendeu esse fidalgo completo, o Marquez de Thonnerins, em horas vagas falsificador de titulos de nobreza, que, embellezado pelos olhos de uma moça, dá-lhe uma carta de baroneza, uma certidão de nascimento illustre e de casamento *idem*, além de uma fortuna deduzida da herança de seus filhos; ainda não comprehendeu.... o *mundo equivoco*; mas é preciso que se aclimatem n'esse novo continente que Alexandre Dumas filho descobriu no archipelago pariziense.

« Se nós usamos durante o verão dos pesados e immensos *paletots*, que os habitantes de Pariz trajam no inverno, porque não applaudiremos aqui essa exhibição de um mundo de contrabando, que foi tão victoriado na capital da França, na patria do bom gosto e do *cancun*? É preciso que o povo se instrua e moralise; o theatro não tem outro fim, e pois: Ao *mundo equivoco*! »

Nós diremos muito positivamente — não ao mundo equivoco! Creemos um theatro segundo a indole e as tradições da nossa sociedade, para termos um theatro nacional: busquemos emitir dos modelos antigos e modernos; mas não vamos copiar, e introduzir por contrabando as exagerações, que embriagam os sentidos, estragam a arte e corrompem a moral.

O Gymnasio que se reputava o presepe d'onde havia sahir o Messias da arte, converteu-se n'uma synagoga. Insuflado pelos applausos complacentes e animadores dos que sympatisavam com o pensamento de ser elle uma escola de aprendizagem dramatica, aberrou do seu programma; e da carreira vertiginosa, que hoje leva, nem sabemos mais onde irá parar, onde cançará, ou onde se despenhará. A exhibição do *Demi-Monde*, que elle nos fez, é um cartel que accitamos em defeza da moral tão flagrantemente ultrajada n'este drama. O theatro do Gymnasio que arrepie carreira, que volte ao seu antigo repertorio e o continue, que se contente em instruir recreiando, e não em commover, derramando a mãos largas o exemplo da prostituição.

Agora duas palavras sobre a opinião que nos merece o quadro artistico do theatro.

## THEATRO LYRICO.

Ha no Brazil uma especie de insectos do genero das moscas, muito incommodos, cujo ferrão é tão subtil que penetra atravez das vestes, vulgarmente conhecido por *Yetim*. Aquelles que sabem que o mosquito *Culex* pertence á classe dos *dipteros* segundo Linneo, e *Anlleatas* segundo Fabricio, e que essa classe tem por caracteres seis pés e uma metamorphose completa, melhor que nós, que somos fracos na sciencia entomologica, o classificarão.

A semelhança que tem o zumbido do mosquito, e a sua ferroadada com os nossos escriptos, deliberou-nos a tomar o nome d'esse insecto.

Com effeito semelhante ao mosquito, porque na ordem de escriptores somos pequeninos, havemos voar, voar, e o nosso zumbido hade incommodar aos artistas que não cumprirem os seus deveres, e quando elles se mostrarem recalcitrantes ou indifferentes, hão de levar sua ferroadada.

Isto posto, firmaremos d'ora avante os nossos artigos sobre theatro lyrico com o pseudonimo — *Yetim*.

No dia 12 do corrente, foi ainda uma vez levado á scena o *Attila*. O drama de Themistocles Solera é de assumpto historico.

*Attila* ou *Etzel* cognominado o flagello de Deos, era o celebre rei dos Hunos, successor de seu Tio Rugilas, e que á frente de quinhentos mil homens d'essa raça nomada, feroz, perfida e quasi que hedionda, devastou o Oriente, a Pannonia e a Germania, que invadio as Gallias, e chegou até Orleans. Esse heroe da antiguidade, que apesar de repellido por *Meroceo*, rei dos Francos, *Aetius*, general romano, e *Theodorico*, rei dos Gódos, os quaes colligados contra elle o fizeram perder na sanguinolenta batalha dos campos *catalaumanos* mais da quarta parte do seu numeroso e valente exercito, invadio com o resto d'elle ainda a Italia no anno de 452, arruinou Aquiléa e outras cidades e por fim marchou para Roma, onde não penetrou, graças á firmeza de papa Leão X, que o fez recuar com promessas feitas em nome do imperador Valentiniano III.

Regressando para Pannonia (hoje uma parte da Austria, Esclavonia e Croacia) falleceu no anno 453, na noite de suas nupcias.

É este o heroe que o talento de Themistocles Solera fez surgir do esquecimento, pondo em relevo esse character sepultado na noite dos tempos.

Mas o autor do *libretto* affasta-se um pouco do



facto historico, fiado talvez no *Pictoribus atque poetis*.

Quem não se tiver dado ao trabalho de compul-sar a historia, póde lançar mão do dice. de Bouillet ou do dice. encyclop. de S. Laurent, ou ainda melhor da vida de *Attila* escripta pelo arcebispo de Upsal, para d'isto convencer-se.

O drama tal qual está escripto tem sido levado á scena no theatro lyrico, todo mutilado.

Quando dizemos mutilado, é porque entendemos que logo que se deixa de apresentar qual-quer dos accessorios que o poeta poem em scena, mutila-se o drama.

Appellamos para aquelles que na Europa ou-viram esta bella *partitura*, e mesmo para os que a ouviram no Rio de Janeiro pelo Sr. Withworth.

Se Mlle. La-Grua, a primeira vez que o drama foi levado á scena, cantou bem, no dia 12, can-tou ainda melhor.

Não podemos comprehender qual a subita mu-dança que se operou na maior parte d'aquelles, que se diziam seus mais entusiastas admira-dores.

Houve uma completa reacção: ao calor com que a costumavam applaudir, succedeu uma fria indifferença!

Entretanto Mlle. La-Grua, cumpriu o seu dever, e na opinião dos homens imparciaes, como ar-tista não mereceu esse frio acolhimento.

O Sr. Suzini parece que não comprehendeu bem o character que tomava em scena.

Na arte mimica precisa elle de mais algum es-tudo afim de aperfeiçoar-se. Creia que esta nossa opinião é partilhada por muitas pessoas, que no em tanto como nós lhe são afeiçãoadas.

A *mise en scena* não podia ser peor.

Nos côros não fallemos...

A vista da scena 6.<sup>a</sup> (a do romper da aurora) que quando bem executada é quasi de uma illu-são completa, esteve pessima.

Ah! que saudades não temos do Sr. Bragaldi, d'esse scenographo habil que tantas sympathias soube conquistar.

Assim é este mundo! Na nossa malfadada terra principalmente, quasi sempre o talento e o me-rito, vêem-se obrigados por caprichos, e pelo mal-dito empenho, a ceder o passo á mediocridade, e muitas vezes á ignorancia...

Com *un ensemble* semelhante ao do *Attila* era melhor que nunca levassem á scena óperas d'essa ordem.

Esquecia-nos fallar no Sr. Walter, que como sempre se exforça por agradar. Cantou bem.

O Sr. Gentil porem, vai de mal a peor.

Na deficiencia de cantoras, apesar de ter vindo Mlle. Stefennone, que veio ao Rio de Janeiro, para cantar duas vezes, e ganhar segundo dizem cincoenta mil francos; e já lá vai mar fóra, ti-vemos ainda uma repetição da *Norma* no dia 15. Quem não tem visto esta bella producção de Bel-lini perfeitamente interpretada por Mlle. La Grua?

Quem não tem visto os applausos que lhe tem sido prodigalisados?

Pois bem! No dia 15 Mlle. La Grua cantou como sempre, revalidando com a immortal *Grizi*.

Na occasião de dar a *tenuta* na qual a distincta artista leva vinte e dous segundos contados a re-logio, estava ella commovida, e trepidou um pouco, mas venceu-lo-se deu-a perfeitamente.

Costumava ella n'esse momento, ver os seus numerosos partidistas proromperem em applau-sos, e choverem os *bouquets*.

Nem uma palma, nem um bravo, nem um bou-quet!!...

Qual será a causa de tão subita mudança?

— Ignoramos.

Cada vez porém ella canta melhor!

Por fim, o povo comprehendeu, que era uma injustiça deixar de applaudil-a, e no correr da opera, foi ella applaudida.

Qualquer que tenha sido a causa de tão subita mudança, da parte d'aquelles que foram seus en-thusiastas, esse procedimento não é senão digno de censura.

Que se deixe de applaudir uma artista quando ella deixa de cumprir como tal os seus deveres, comprehendemos; que se deixe porém por cir-cumstancias particulares de o fazer quando ella continua a merecel-o, não é isso digno de um publico illustrado, como o que frequenta o theatro lyrico,

Não procuraremos saber qual a causa dessa frieza com que a artista é acolhida. Pouco nos importa.

Quanto a nós, em quanto Mlle. La Grua, se mos-trar em scena como até agora, havemos elogial-a: quando não merecer havemos censural-a.

É assim que havemos proceder sempre com as artistas.

Porque se não contracta Mme. Casaloni?

Com os cincoenta mil francos, e a viagem paga, que dizem ter-se dado a Stefennone para cantar duas vezes não teriamos ouvido Mme. Casaloni?

Pobre theatro lyrico! Se d'esta vez não morres nunca mais!...

YETIM.



## THEATRO DE S. PEDRO.

No domingo ultimo, a companhia de que é empresario o Sr. João Caetano dos Santos, deu em espectáculo duas comédias novas, e uma posto que já muito conhecida do publico, remontada de novo.

O *Genro do Sr. Larangeira* é uma imitação do francez feita pelo Sr. Dr. Sampaio, que a adubou com as phrases e costumeiras da classe da sociedade, a que se referia. Afóra um ou outro dito, que tem um sentido ambiguo e maligno, a comédia deve aproveitar-se para o repertorio; mas urge que os papeis estejam sabidos, pois á excepção da Sra. Ricciolini todos os outros actores não sabiam as suas partes.

A *Dama dos cravos brancos* é uma comedia espiituosa, e foi soffrivelmente representada. O Sr. De-Giovani, não obstante alguma exaggeração, representou bem o seu papel.

No *Noviço*, o Sr. Martinho que tanto nos havia agradado no veterano do *Diabinho*, despregou todas as velas da sua veia comica exaggerada, e fez cousas do arco-da-velha.

## PARTE NOTICIOSA.

## UNIÃO E INDUSTRIA.

A inauguração dos trabalhos da nova estrada de Petropolis ao Parahyba, promovida pela companhia UNIÃO E INDUSTRIA é um dos factos da semana decorrida, que terá um alcance de prosperidade e progresso para o futuro engrandecimento do paiz.

O movimento está dado, graças ao espirito emprehendedor do Sr. barão de Mauá, que demonstrou praticamente não haver obstaculos na realisação das grandes empresas, quando ha uma vontade forte e robusta para os supplantar. O estabelecimento da Ponta d'Arêa foi o verbo dos modernos estabelecimentos e empresas, de que já tanto tem lucrado o paiz. O estabelecimento do gaz, e a estrada ferrea de Mauá, a estrada de Mangaratiba, de que tanto tem a lucrar a lavoura e o commercio, e agora a União e Industria são os magnificos corolarios do nosso primeiro estabelecimento regular de fundição, a primeira revelação significativa do talento e da energia da vontade d'esse cidadão benemerito que, como diz o Sr. Ferreira Lage, tem o seu nome escripto na face dos monumentos industriaes do paiz.

O presidente da União e Industria é um digno

companheiro, e nobre rival do Sr. barão de Mauá. Como este, o Sr. Ferreira Lage tem demonstrado grande tino administrativo e director, e uma assiduidade e energia de vontade que muito o honram.

Fazemos votos para que os trabalhos da União e Industria sejam coroados de brilhante resultado, e que o seu ultimatum corresponda aos brilhantes auspicios com que foi inaugurada.

A presença de Suas Magestades n'essa festa solemne da industria deve certificar aos empresarios e director da nova estrada, que toda a nação abençoa e louva esse passo de gigante consagrado ao progresso do paiz.

## VARIEDADE.

## A OZONA.

Este gaz, que faz parte dos componentes do ar atmosferico, e que se augmenta pela electricidade das trovoadas, que no tempo *frio* apparece na razão inversa da pressão atmosferica e directa da temperatura, que se liga ao apparecimento de *cirros* (nuvens), etc., segundo diz o Dr. Moffat no *Jean book of facta* de 1855, que é mais abundante no ar de mar do que no interior das terras, mais abundante no dos campos do que nas cidades; foi descoberto na Suissa em 1854, por Schonhein, por occasião de examinar o cheiro particular, exalado pelo *polo* positivo da pilha de Volta, durante a decomposição da agua, e pelo cheiro dos objectos fulminados pelo raio. Este gaz pode-se obter hoje, pela therebentina, pelo ether, e o ar expostos aos raios solares, pela combustão do phosphoro, pelos vapores do ácido nitroso, vapor aquoso, etc.

É este gaz imminantemente *comburente*, isto é, determina elle a combustão, tendo a propriedade de destruir os compostos do iódo, do hydrogeneo e do enxofre; de oxidar energicamente as materias organicas, chegando essa propriedade *oxidante* a ponto de converter o *azoto* inerte, em ácido nitrico, quando se acha presente em alkali fixo.

Segundo uns é a ozona um estado *alotropico* do oxigeneo, segundo outros um *ter* oxido de hydrogeneo.

Seja como for, exerce ella uma grande funcção, *queimando* a grande quantidade de materias organicas que se acham diffundidas pela superficie da terra, as quaes sem esta acção benefica da ozona, não se transformariam em ácido carbonico, ammoniaco e agua para a nutrição dos vegetaes,



e envolveriam os habitantes da terra em nuvens miasmáticas.

Segundo as experiencias a que procedeu n'esta côrte o incansavel e illustrado presidente da junta central de hygiene publica, o Exm. Sr. Dr. F. de P. Candido em 1854, mostraram ellas que os ventos provenientes de trovoadas, a *viração diaria* (de S. E.) o *terral* (entre N. E. e N. O.) e o ar da montanha do Corcovado, etc.; são abundantes de ozona; que nos lugares immundos da cidade nenhum indicio d'ella apparece; e que o ar humido, com especialidade o dos invernados (de S. O.) nenhum vestigio manifestam de ozona no *papel reactivo*.

Diz S. Ex. ser inquestionavel que quando intervier a ozona, que destróe as emanções organicas—*materias primas* do cholera-morbus—este deve-se attenuar e extinguir onde já dominar, e não se propagar pelos lugares onde aquellas *materias primas* houverem sido queimadas ou oxidadas pela ozona, que por toda a parte onde apparecer a ozona, deve ella destruir a *materia prima* das molestias pestelenciaes.

R. L.

## NÃO TE QUERO.

Não te quero! dos teus beijos  
O veneno já cuspi!  
Se delles tive desejos  
Todos agora perdi!  
Não quero, não; teus abraços,  
Hoje calco os tredos laços  
Que me prenderam a ti!  
Por teus crimes tão sobejos  
Não te quero! Dos teus beijos  
O veneno já cuspi!

Tua alma perdida está;  
Da sociedade banida  
O pudor perdeste já!  
Em vão tentas um sorriso;  
N'elle a astucia diviso  
Que jamais me illudirá!  
Tu foste, mulher, vendida,  
E do vicio polluida  
Tua alma perdida está!

Não te quero! Teus afagos  
Já de todo despresei!  
Louco e cego! a longos tragos  
De falso prazer libei  
Toda a taça! Se mentiste!  
Ai! se o meu amor trahiste....  
Amor, não!... nunca t'o dei  
Por gózos que foram pagos  
Não te quero! teus afagos  
Já de todo despresei!

A. P. C. JUBIM.

## O BEIJA-FLOR

### Nova illuminação.

Teve logar em Pariz, segundo se vê no *Siècle*, o ensaio de um novo gaz obtido por meio d'um systema inventado por Mr. Lafonde. Quem presenciou este ensaio assegura que tres luzes do novo gaz equivalem a doze do conhecido até agora; além de que é uns 50 por 100 mais barato. A esta vantagem, por si só bastante recommendavel, reune tambem outras que não são menos preciosas, como a de poder-se usar em toda a classe de lampadas e candieiros, sem que cause fumo nem mau cheiro. Finalmente, sendo um gaz que pode manejar-se com a mesma facilidade que o azeite, evitam-se as conducções subterraneas, os tubos de introdução, os gazometros, as explosões, e por conseguinte, os incendios. De modo que o gaz Lafonde, deve obter um grande exito, fundado n'estas tres grandes vantagens: augmento de luz, economia notavel, e segurança completa.

### Machina agricola.

Os irmãos Barrats acabam de por em execução a vista do Ministro de agricultura e commercio, e de uma commissão ad-hoc nomeada, uma machina agricola movida o vapor, que opera prodigios.

Em poucas horas arranca raizes muito profundas, revolve tambem profundamente a terra, abre-lhe largos sulcos e regos. E' manobrada e dirigida com summa facilidade. Regula se á vontade sua velocidade, e a força do côrte é dirigida por dous homens, e em algumas horas faz e completa o serviço que nas mesmas horas não poderiam fazer vinte homens. Não haverá entre nós um proprietario que introduza no paiz este meio de progresso e substituidor vantajoso das forças de escravos? Não o espereis.

### Uma indemnização.

Ultimamente houve um grande desastre n'um caminho de ferro da America.

Um certo M. Taylor, que ficara com os dous braços quebrados, pedio 45 contos de reis de indemnização; a companhia offereceo-lhe 4:500\$000 rs., e além d'isso um bilhete permanente para poder viajar no caminho de ferro quando quizesse, durante toda a sua vida. Não se sabe ainda si M. Taylor acceitou esta consolação da perda dos seus braços.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO  
Rua da Alfandega n. 210.